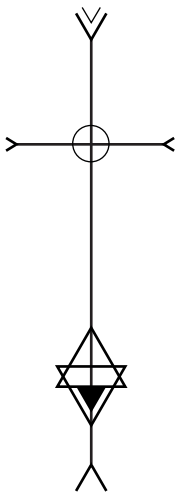


# TREVAS



TEIXEIRA DE PASCOAES, "TREVAS",  
in Obras Completas II,  
Lisboa, Bertrand,  
pp. 99-102

Numa treva d' abismo, eu vejo naufragar  
Os seres que descobro à luz desse luar  
Que sobre o mundo chora uma lua de morte...

Um vento de descrença, um frio vento norte  
A árvore do Ideal açoita cruelmente...  
E seus lábios em flor estiulam, numa ardente  
Sede de primavera e fome de Verdade.  
E os seus ramos já nus, hirtos, na imensidade  
Descrevem gestos de loucura e de tristeza,  
Que fazem arrepiar a alma da Natureza...

Uma treva d'abismo as almas asfixia.  
Enquanto a luz do sol é um riso d'ironia  
E é uma gargalhada o soluçar das ondas...  
E enquanto o vento diz palavras hediondas  
E as estrelas do céu são lágrimas perdidas  
Que, nalgum morto olhar, ficaram esquecidas...

E eu vejo a alma humana agonizante e triste,  
Na descrença fatal de tudo quanto existe.  
As pálpebras cerrar à evidência da Luz,  
Como outrora Caifás quando julgou Jesus!  
E abri-las, num assombro, à noite da Mentira,  
Em cujo seio o Mal, numa embriaguez, delira!

Eu oiço a alma humana aflita, no estertor  
Duma agonia cruel, dizer à sua dor:  
«Sou uma sombra, uma mentira, uma ilusão!  
Não sou fonte de luz, mas sim de escuridão...  
A vida não foi mais que um pretexto banal  
Para que, um dia, ó dor, o fantasma do Mal  
Saísse da inconsciência obscura do Universo,  
Onde ele em cada coisa existiu já, disperso!

Eu oiço a alma humana aflita, no estertor  
Duma agonia cruel, dizer à sua dor:  
«Sou uma sombra, uma mentira, uma ilusão!  
Não sou fonte de luz, mas sim de escuridão...  
A vida não foi mais que um pretexto banal  
Para que, um dia, ó dor, o fantasma do Mal  
Saísse da inconsciência obscura do Universo,  
Onde ele em cada coisa existiu já, disperso!

O Amor, a Perfeição, a Justiça e a Verdade  
São como nuvens a fugir na imensidade,  
Que o vento norte numa lágrima condensa  
E que o sol vai beber com uma sede imensa!  
A vida não é mais que este horrível momento  
Em que se chora e sofre, enquanto o doido vento,  
Sem ternura, arrebatada os nossos frios ais,  
Delirante, através dos ermos pinheirais.  
Onde eles deixam, a gritar, sombras estranhas  
Que inundam de pavor o dorso das montanhas!...

## O céu é apenas um disfarce azul do inferno.

O claro mês d'abril é o desganhado inverno  
Mascarado de flor.

De que serve nascer,  
Ter um sonho, um ideal, para depois morrer?...  
E a morte é a podridão, o nada, a cinza fria...  
E a luz que em nós brilhou toda amor e harmonia,  
Em que treva e silêncio ela se converteu...  
A que abismo sem fim, chorando, ela desceu!...  
E quando brilha nos meus lábios um sorriso  
E nos meus olhos a visão do Paraíso,  
Quando mística luz trespassa o nosso ser,  
Talvez, ó negra dor, nosso íntimo prazer  
Torture, sem piedade, ignotos corações!...  
De quantas mortes serão feitas as visões?...  
De quantas dores, para nós, misteriosas,  
Será feito o prazer que enche um perfil de rosas?...

Deus é filho da Dor... se acaso Deus existe.  
Brotou do seu olhar este Planeta triste,  
Como uma lágrima sombria e torturada  
Que no lenço do Azul caiu desamparada!

Corações a brilhar, lágrimas a sorrir.  
Uma asa no azul, uma estrela a fulgir,  
A aurora dum ideal, a luz duma quimera,  
Perfumes a nadar num céu de primavera  
São formas desiguais, são aspectos diversos  
Da dor de Deus que cristaliza em Universos!  
Eis a razão por que somente descobrimos  
De verdadeiro, em nós, as dores que sentimos  
E que afinal também só vivem um instante  
Em pranto diluindo o nosso olhar distante  
Que morre como, à tarde, o fumo que se eleva  
Da paisagem que sente o hálito da Treva!  
Tudo é névoa e ilusão...»

E eu chorei friamente  
Ao ver aquela alma humana tristemente  
À evidência da luz as pálpebras cerrar,  
À Alegria que doira as ondas ao luar,  
À Verdade que fala em cada humilde cousa,  
À Beleza que sonha obscura, misteriosa  
Em cada flor, em cada estrela, em cada fonte,  
E à Bondade que vive e reza em cada monte!...

E, ao ouvir a alma humana, eu tive essa visão  
Do mundo a naufragar num mar de escuridão.  
E a Terra tinha um ar de convés, onde as águas  
Entram, a soluçar desconhecidas mágoas,  
Enquanto, num terror enorme, os marinheiros  
Gritam na sombra espessa e triste dos nevoeiros!...

Do mesmo beijo ideal que prende o céu à terra,  
Nasceram a alma humana e as árvores da serra...  
A mesma luz, o mesmo sonho, a mesma ânsia  
Anima uma floresta e a névoa da Distância...  
No íntimo da pedra esplende a etérea chama  
Que um frágil coração dum santo amor inflama...  
Quantas rochas encontro, à tarde, a meditar!  
Uma pedra, por pouco, é lágrima ao luar...  
Buda aprendeu convosco, ó arvoredos nus,  
E houve um lírio que foi o mestre de Jesus.  
Nos meus olhos murmura a vossa água, ó fontes.  
E um grande sonho eleva os penhascosos montes!  
E um amor, afinal, é todo o Firmamento  
Reduzido a um subtil e simples sentimento...  
Um beijo ardente é o sol. Um abraço a Atracção.  
Ó sapo, és uma estrela! Ó lama, és um clarão!  
Quem destrói uma flor, quem mata um ser humano  
Veste de negro luto as ondas do oceano,  
A areia do deserto e as estrelas dos céus.  
Lágrimas onde brilha a oculta dor de Deus...  
E por isso a Justiça, o Amor e a Piedade  
Devem agasalhar na sua claridade  
Qualquer alma que chore, ou d'homem ou de flor,  
Por se ver triste e só na noite duma dor!...